

REVEL NA ESCOLA: REFERENCIAÇÃO

Leonor Werneck dos Santos¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Alguns conceitos que encontramos em artigos acadêmicos e livros às vezes nos confundem, pela semelhança com outros termos já conhecidos. E é comum o professor ficar em dúvida a respeito de qual termo usar, como trabalhar o conceito e os exemplos em sala de aula, o que priorizar. Por exemplo, "referenciação" e "coesão referencial" podem ser tomados como termos sinônimos? Se podem, por que dois termos diferentes para indicar a mesma coisa? Se não podem, qual a diferença? Vejamos alguns exemplos para entendermos melhor.

É comum encontrar em livros didáticos orientações para escrever um bom texto do tipo: evite repetições, substitua palavras repetidas, use pronomes. Quase nunca encontramos orientações contrárias, como use repetições, evite pronomes. Isso decorre da ideia equivocada de que repetir palavras causa problemas de coesão nos textos e que, para evitá-los, os pronomes usados servem como mecanismo de coesão. Isso não é totalmente mentira, mas também não é totalmente verdade. E, se observarmos bem, veremos que este parágrafo está cheio de repetições...estaria com problemas de coesão?

Então, temos que rever conceitos, e o primeiro deles é o de texto. Atualmente, consideramos o texto como lugar de interação, caracterizado pela coesão e pela coerência interna/externa entre seus elementos. Assim, não podemos chamar uma sequência de frases de texto se não houver uma relação de significado entre elas. Além disso, precisamos ter em mente de que texto estamos falando: oral, escrito, multimodal? De que gênero textual estamos tratando? Sim, porque temos bilhete,

¹ Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). <http://www.leonorwerneck.com/>

carta, receita, bate-papo, anúncio publicitário (em rádio, TV, outdoor)... Cada texto apresenta características próprias, e isso reflete nas estratégias coesivas.

Por exemplo, imaginemos a seguinte situação: uma menina de 5 anos que já conhece algumas letras escreve um bilhete para sua mãe. O que está escrito é "Mame bnec"; o que a mãe lê no bilhete, sabendo que é aniversário da filha, é "Mamãe, quero uma boneca". Vemos, então, que a construção do texto aos olhos de outro interlocutor (nós, por exemplo), pode não estar clara, podem estar faltando não apenas letras mas também elementos de coesão, deixando o texto incoerente. Mas o bilhete não é pra nós e não sabemos quem o escreveu. O destinatário é a mãe, que conhece a filha, sabe que ela adora bonecas e, recebendo um bilhete assim no dia do aniversário da menina, levanta hipóteses de leitura. Ler, então, é levantar hipóteses:

Na atividade de leitura e produção de sentido, colocamos em ação várias estratégias sociocognitivas. Essas estratégias por meio das quais se realiza o processamento textual mobilizam vários *tipos de conhecimento que temos armazenados na memória* (KOCH; ELIAS, 2006, p. 39, grifos nossos).

Agora voltemos ao conceito de coesão referencial, tão comum em livros didáticos. Geralmente, esses manuais apresentam a coesão referencial como uma busca de referentes no texto, às vezes aparecem até setas, mostrando a direção, por exemplo, do substantivo ao qual determinado pronome se refere. Mas basta analisarmos alguns exemplos para constatarmos que nem sempre as "setas" apontam em local seguro ou facilmente identificável:

(1) Marcos disse ao filho de 10 anos que **ele** não pode dirigir antes de completar 18.
("Ele" só pode se referir ao filho de 10 anos; "seta" certa!)

(2) Marcos disse a João que **ele** não sairia com a esposa.
("Ele" quem: Marcos ou João? A "seta" ficou em dúvida...)

(3) Julia sempre viaja de férias com a família. **A mãe** nunca quer ir à praia, mas **o pai** sempre topa.
("A mãe" e "o pai" se referem a que elemento(s)? A "seta" não tem para onde apontar... ou tem?!)

Vemos nesses exemplos como o simples puxar de setas não resolve a questão da coesão. Se em (1) e (2) conseguimos encontrar um elemento textual para o qual podemos apontar as setas (ainda que em (2) haja ambiguidade), em (3) encontramos maior dificuldade, pois percebemos que o texto está coeso e coerente, mas mãe e pai não podem, por exemplo, retomar Julia ou "a família". Não podem retomar, mas podem se referir ao elemento "a família", de maneira indireta, pois nosso

conhecimento de mundo nos leva a inferir que a família de Julia pode ter pai e mãe. Ou seja, não basta encontrar o alvo da seta, mas entender o sentido que se constrói no texto, por meio do processo de referenciar. Por isso, atualmente, usamos o termo referenciação, para indicar que estamos falando de um processo importante para "entender o porquê das escolhas feitas, pois cada uma delas implica abandono de outras, e a seleção depende da intencionalidade do texto" (SANTOS *et al.*, 2012, p. 18).

Assim, temos, por exemplo, anáforas diretas, como os exemplos (1) e (2), e anáforas indiretas², como em (3). Há também casos de encapsulamentos, quando um elemento consegue sintetizar todo um enunciado, um trecho. É o que vemos a seguir, no início de uma resenha sobre o filme *Harry Potter e o enigma do príncipe*:

(4) **O problema** se arrasta desde a estreia de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Os produtores da série cinematográfica baseada na mais aclamada obra literária da história nunca conseguiram agradar completamente aos fãs. E se formos nos ater àqueles que se agarram nas páginas escritas por J.K. Rowling e as estendem à frente cobrando fidelidade, então é em *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* que David Heyman (produtor da fita) esteve mais distante de obter sucesso. O longa é, de longe, o menos recorrente à trama original para estabelecer o seu roteiro. Entretanto, decepcionados ou satisfeitos, os seguidores da autora escocesa terão de concordar: *Enigma do Príncipe* merece reverências. (...)

(<<http://pipocacombo.virgula.uol.com.br/critica-harry-potter-e-o-enigma-do-principe-2/#more-17710>> Acesso em 13/07/2009.)

Observemos que "O problema" refere-se a tudo o que se segue (os produtores dos filmes de Harry Potter nunca conseguem agradar completamente os fãs) — e será reiterado no decorrer da resenha. Se tivermos que usar seta, vai ser difícil encontrar o alvo, disperso ao longo da resenha...

Por último, não podemos nos esquecer de que, em alguns casos, pode ser complexo até mesmo identificar o objeto de discurso ao qual determinados elementos se referem. Para essa tarefa, é necessário ler o texto todo, acionar nosso conhecimento de mundo, fazer diversas inferências. É o que ocorre no conto "Dizem que os cães veem coisas", analisado em Cavalcante e Santos (2012, p. 670):

² Atualmente, usamos o termo anáfora, independentemente de o referente aparecer antes ou depois, ao longo do texto, ao contrário do que se fazia antigamente, quando anáfora se referia apenas a elementos já mencionados e catáfora, a elementos a mencionar.

(5) **Ela** chegou diáfana, transparente, no vestido branco que lhe descia até os pés calçados pelas ricas sandálias de pluma. Ninguém lhe ouviu os passos. Sentou-se à beira da grande piscina, cruzando as pernas longas. Chegou antiquíssima, atual e eterna, com a sua cara de máscara. Moldada em gesso? Apenas uma presença, porque pousou como uma sombra. Mas por um fragmento de tempo, um quase nada, reinou entre todos um silêncio largo, que se estendeu pelo vasto terreno murado da mansão ensombrada pelas árvores, dominou a enorme piscina e emudeceu as próprias crianças pajeadas pelas babás de aventais bordados, e vejam que as crianças são indóceis.

Um presságio.

Os cães de raça latiam e uivavam desesperadamente nos canis (e dizem que os cães veem coisas). Foi preciso que o tratador viesse acalmá-los, embora eles rodassem sobre si mesmos e rosnassem. A distância, a piscina quase olímpica, agora deserta, toalhas esquecidas, o vidro do bronzeador, o cinzeiro sobre a mesinha cheio de pontas de cigarro marcadas de batom.

O médico novo, de calção, tentou a respiração artificial, o boca-a-boca (os lábios de Netinho estavam arroxeados) e levantou-se sem palavras e sem olhar para ninguém. Lenita soltou-se e agarrou-se ao filho:

- Acorde, acorde! Pelo amor de Deus, acorde!

Conseguiram afastá-la mais uma vez, quase desmaiou. A amiga limpava-lhe com os dedos a sobra de farofa que se grudara ao seu rosto. Os cães de raça voltavam a latir desesperadamente, e dizem que os cães veem coisas.

Lenita ficou para sempre com a sensação do corpo inerte e mole entre os braços. Uma marca, presença, que procurava desfazer com as mãos. Cabelos louros e gotejantes. Às vezes, ela despertava na noite:

- Acorde! Acorde!

A presença também daquele instante de silêncio que pesara sobre a piscina. Um pressentimento apenas? Precisamente o momento em que Ela chegara, transparente e invisível, e se sentara à beira da piscina, cruzando as pernas longas, antiquíssima, atual e eterna.

(CAMPOS, 1993, p. 154)³

Terminamos de ler esse conto atônitos, talvez emocionados até. Se, de início, nos perguntamos quem é "Ela", que chega antiquíssima, transparente e invisível, sentando à beira da piscina, terminamos de ler sem dúvida: trata-se da Morte. Mas onde aparece esse objeto de discurso? Percebemos que uma criança morreu na piscina, percebemos que há relação entre a chegada de "Ela" e a morte da criança, percebemos, pelo silêncio, pelo choro, pela dor da mãe, o que houve. Para onde apontamos a seta? A resposta está nas pistas textuais, na nossa interação com o texto, em nós mesmos, na construção de sentido desencadeada na leitura.

Com base no que observamos até aqui, constatamos que a referenciação estabelece uma relação entre coesão e coerência, colaborando para criar efeitos de sentido. É muito mais do que encontrar onde está o referente textual. Não queremos dizer que identificar o referente não seja útil. Claro que é útil, mas vale a pena ir além. Também não podemos nos esquecer de que as estratégias de referenciação não se atêm aos casos de anáfora direta. Por último, precisamos observar os efeitos de sentido criados a partir das escolhas dessas estratégias.

³ CAMPOS, Moreira. *Dizem que os cães veem coisas*. 2. ed. São Paulo: Maltese, 1993.

Escolher entre elipse, pronome, sinônimo (nunca perfeito), hiperônimo, apelidos, por exemplo, faz diferença na compreensão dos textos. Na pesquisa de Colamarco (2014), percebemos como, para fazer referência à cigarra, na fábula "A cigarra e as formigas", nas versões de Esopo e Monteiro Lobato, o uso de "ela" e Ø (Esopo) ou "A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros"(Lobato) demonstra um posicionamento favorável de Lobato em relação à cigarra que morre de frio depois de ser ignorada pela formiga.

Já na pesquisa de Moraes (2011, p. 93), podemos encontrar exemplos interessantes usados em relatos de jogo de futebol publicados no jornal *Lance!*:

(6) (...) O México entrou mudado com Bautista, Guardado e Hernandez entre os titulares e Juárez na lateral direita. Com marcação sufocante, não deixou os espaços para que as criações de Messi e Tevez. E mostrou eficácia ofensiva. Tanto que Salcido (na trave) e Guardado quase marcaram. A situação não estava fácil para a Argentina. Mas aí veio o erro. Após sobra de bola dentro da área, **La Pulga** chutou e Tevez, impedido, cabeceou para o gol. O bandeirinha validou. (...)

"La Pulga" é apelido do jogador Messi, devido à rapidez com que ele se desloca pelo campo, nas jogadas que o fizeram famoso mundialmente. Nomes de vários jogadores são citados nesse trecho, mas, mesmo em casos de correferencialidade (Messi > La Pulga), não há simplesmente uma substituição de elementos, afinal, para entender essa correferencialidade, precisamos entender um pouco de futebol e, nesse momento, conseguimos compreender por que o gênero textual e o suporte são importantes: esse relato de jogo de futebol foi publicado em um jornal específico sobre esportes, com público que conhece o assunto, que viu o jogo, sabe detalhes sobre Messi. E, se algum leitor desavisado se depara com esse texto, terá mais dificuldade em identificar quem é "La Pulga", mesmo que haja pistas textuais para ajudar.

Já no exemplo (7), retirado de uma receita de pão doce, é curioso como "o pão" retoma "a massa", simplesmente pelo fato de ela já ter sido colocada para assar em um tabuleiro — mais uma vez, nosso conhecimento de mundo e do gênero receita apontam caminhos de leitura:

(7) Trabalhe bem a massa durante 5 minutos, até que fique firme e bem lisa. Em seguida, dê o formato que quiser. Se for rechear, abra a massa, recheie e enrole como rocambole. Coloque **o pão** numa assadeira, cubra e deixe descansar em um lugar protegido até dobrar de volume.

Em (8), encontramos mais um exemplo que merece ser destacado, pois "O show" refere-se ao que foi dito no parágrafo anterior da notícia sobre Michel Teló e já havia sido antecipado na manchete:

(8) *Michel Teló se apresenta em Orlando no dia 31*

Com pouco mais de dois anos de carreira solo, Michel Teló conseguiu se tornar um dos expoentes da música sertaneja moderna no Brasil em todo o mundo. Finalmente, o músico irá se apresentar na Flórida, em Orlando, no dia 31.

O show será no Hard Rock Live e deve atrair não só brasileiros, como várias nacionalidades (...).

(*Gazeta News*, 25/10/2012)

Já em (9), temos várias vezes a repetição de "aguapé" e "planta". Não há problema de coesão aqui: trata-se de texto de divulgação científica, de caráter didático, que apresenta como uma das suas características a repetição do termo a ser conceituado e explicado:

(9) *Detectores naturais de poluição – Superplanta*

(...) Certas espécies de **plantas** ou animais aquáticos podem dar dicas de como está a poluição de um lago ou uma lagoa. **O aguapé**, por exemplo, é **uma planta** que consegue viver em regiões muito poluídas, onde várias outras espécies morrem. Se você visitar um local em que **essa planta** existe em grandes quantidades, sem outras espécies por perto, ligue suas antenas porque ele pode estar contaminado. É claro que pode significar também, simplesmente, que **as plantas** encontraram muito alimento por ali e conseguiram se multiplicar em grande número.

O aguapé é **uma planta** da Amazônia que tem uma flor muito bonita e foi levada pelos japoneses para todos os continentes no século passado. A partir de então, por ser **uma planta** invasora, espalhou-se como uma praga em rios e represas de muitos países. Além de ser muito resistente, **o aguapé** absorve os poluentes como se fosse uma esponja e, por isso, começou a ser usado para despoluir as águas.

Mas alguns estudos estão mostrando que **essa planta** pode transformar um poluente em outra substância ainda mais tóxica, isto é, em vez de ajudar, **o aguapé** pode estar piorando a situação de lagos e lagoas. (...)

(*Globinho*, 02/12/2001, p. 1)

Finalmente, não podemos nos esquecer das marcas ideológicas na linguagem. Não há signo neutro, não há linguagem totalmente objetiva, isenta de posicionamento; a imparcialidade na linguagem é um mito, uma ilusão. Podemos levar aos alunos, em sala de aula, textos de áreas diversas, como o que se segue, de História do Brasil. Nele, podemos mostrar como a opção de chamar "ingleses, franceses e holandeses" de "corsários ou piratas", afirmando que eles "saqueavam e contrabandeavam o pau-brasil", cria um efeito de sentido negativo em relação a esses

grupos, chamando-os de ladrões, e coloca os portugueses em posição de vítimas, afinal estes apenas "exploravam a madeira":

(10) O Período Pré-Colonial: A fase do pau-brasil (1500 a 1530)

(...) Nestes trinta anos, o Brasil foi atacado pelos holandeses, ingleses e franceses que tinham ficado de fora do Tratado de Tordesilhas (acordo entre Portugal e Espanha que dividiu as terras recém-descobertas em 1494). **Os corsários ou piratas** também saqueavam e contrabandeavam o pau-brasil, provocando pavor no rei de Portugal. O medo da coroa portuguesa era perder o território brasileiro para um outro país. Para tentar evitar estes ataques, Portugal organizou e enviou ao Brasil as Expedições Guarda-Costas, porém com poucos resultados. Os portugueses continuaram a exploração da madeira, construindo as feitorias no litoral que nada mais eram do que armazéns e postos de trocas com os indígenas.

<<http://www.historiado brasil.net/colonia/>>

Finalizando, buscamos mostrar neste breve artigo a importância de considerarmos a referenciação, como processo de construção de sentido, na prática de sala de aula. Há muito a dizer sobre referenciação, desde a nomenclatura utilizada para os processos até o *status* da dêixis (que sequer abordamos aqui). Mas, pelo que expusemos, já é possível vislumbrar o quanto pode ser fascinante trabalhar textos com os alunos abordando os processos de referenciação. Ficam as dicas para a sala de aula e a sugestão de outras leituras teóricas, para aprofundamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CAVALCANTE, Mônica; SANTOS, Leonor W. dos. Referenciação e marcas de conhecimento partilhado. *Linguagem em (Dis)curso*, vol. 12, n. 3, set./dez. 2012, p. 657-681. Disponível em <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/1218/1019>. Acesso em: 05 maio 2015.
2. COLAMARCO, Manuela. *Referenciação e construção de sentido nas fábulas de Monteiro Lobato e Esopo*. 2014. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.
3. KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

4. MORAIS, Margareth. *Processos de referenciação nos relatos esportivos*. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.
5. SANTOS, Leonor Werneck dos; CUBA RICHE, Rosa; TEIXEIRA, Claudia de S. *Análise e produção de textos*. São Paulo. Contexto, 2012.

PARA SABER MAIS

1. CAVALCANTE, Mônica M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.
2. CAVALCANTE, M. *et al.* (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
3. KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
4. MARCUSCHI, Luiz A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
5. SANTOS, Leonor W. dos (Org.). *Referenciação e Ensino: análise de livros didáticos*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2013. Livro eletrônico. Disponível em: <<http://www.leonorwerneck.com/livros.php>>. Acesso em: 05 maio 2015.
6. SANTOS, L.W.dos; COLAMARCO, M. Referenciação e ensino: panorama teórico e sugestões de abordagem de leitura. *Gragoatá*, Niterói, n. 36, p. 43-62, 1. sem. 2014. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistagragoata/ojs/index.php/gragoata/article/view/26/60>>. Acesso em: 05 maio 2015.